



“ACHEI QUE ERA SÓ UM VERBO”: DISCUSSÕES SOBRE O USO DO VOCABULÁRIO “ACHAR” EM POSTAGENS DO *TWITTER* À LUZ DA TEORIA SOCIOLINGÜÍSTICA E DESDOBRAMENTOS COM A DECOLONIALIDADE

Simonne Pereira da Silva Ribeiro¹

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Cristiane Schmidt²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO

Esta pesquisa científica tem, por objetivo, analisar os diferentes usos em contexto digital/eletrônico na rede social *Twitter* para o verbo *achar*, à luz da Teoria Sociolinguística e desdobramentos decoloniais. Adotamos, como aspecto metodológico, a busca por publicações/*posts* em que esses usos se inscrevem e, com efeito, convalidamos e tratamos o material selecionado para análise sob os pressupostos teóricos de autores como Fiorin (2013), Tarallo (1985) e Labov (2008). O contexto digital/eletrônico da sociedade moderna está, a todo o momento, constituindo os sujeitos em seus lugares de fala/enunciação e, ao mesmo tempo, corroborando para o enriquecimento, variação, bem como as mudanças linguísticas no âmbito da Língua Portuguesa que se fala no Brasil. Por isso, os estudos que versam sobre as particularidades e peculiaridades das diferentes línguas em contato, em diferentes contextos sociais, políticos e culturais, fazem com que língua e sociedade se constituam mutuamente. Nesses preceitos, alçamos um olhar investigativo sobre uma dessas particularidades que compõem o todo-lingüístico, no anseio pela compreensão dessa partícula linguística.

Palavras-chave: *Achar. Twitter. Sociolinguística. Decolonialidade.*

ABSTRACT

This scientific research aims to analyze the different uses in digital context in the social network *Twitter* for the word *achar*, in the light of sociolinguistic theory and decolonial developments. We adopted, as a methodological aspect, the search for publications/*posts* in which these uses were inscribed and, in effect, we validate and treat the material selected for analysis under the theoretical assumptions of authors such as: Fiorin (2013), Tarallo (1985) and Labov (2008). The digital context of modern society is, at all times, constituting the subjects in their places of speech/enunciation and, at the same time, corroborating for the enrichment, variation, as well as linguistic changes within the Portuguese Language spoken in Brazil. Therefore, the studies that deal with the particularities and peculiarities of the different languages in contact, in different social, political and cultural contexts, make language and society mutually constituted. Based on these precepts, we take an investigative look at one of these particularities that make up the linguistic whole, in our eagerness to understand this linguistic particle.

Keywords: Find; *Twitter. Sociolinguistics. Decoloniality.*

¹ É doutoranda em Linguística do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL), da UNEMAT, em Cáceres-MT. E-mail: simonneribeiro@gmail.com.

² É professora no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL), da UNEMAT, em Cáceres-MT e do curso de Letras da UFMS, câmpus de Aquidauana. E-mail: cristiane_schmidt@ufms.br.



INTRODUÇÃO

As palavras me antecedem e me ultrapassam, elas me entram e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito (LISPECTOR, 1999, p. 74).

Achar e nem sempre encontrar. Achar e não se ter a convicção. Para além desses pressupostos, deve-se buscar na linguagem e em seus contextos e diferentes usos, as diversas variações nas instâncias em que estes sejam confortáveis à transmissibilidade de significações à expressão dos usuários que os acionam, nos diferentes modos de transpor seus pensamentos a respeito das coisas do mundo que os cercam.

Assentados nessas duas vertentes: *encontrar*; a relação dos falantes com a propositura da verdade – o verbo *achar*, leva-nos à reflexão que nos remonta à História da Língua Portuguesa à percepção das diferentes ocorrências nos processos de variação e mudança linguística. Os vários contextos de uso em que o verbo *achar* tem desempenhado, ocorre desde à concepção de “encontrar algo”, até à expressão de como os falantes se relacionam com o modo de acionar pressupostos permeados por uma dada “verdade”. A última proposição é a associação com as variantes linguísticas do verbo *achar*.

O artigo propõe ao estudo decolonial em uma perspectiva sociolinguística. Ansiamos, nesse artigo, investigar acerca do uso do verbo *achar* em defesa de uma epistemologia decolonial que busque romper as relações de poder sustentadas pela colonialidade do conhecimento sobre os usos linguísticos nos enunciados que permeiam a rede social digital *Twitter*.

Esta pesquisa parte, inicialmente, de indagações emergidas a partir da observância de usos imersos em contextos digitais, neste caso, da rede social *Twitter*, lugar em que os sujeitos assumem posições histórico-sociais, bem como posições político-ideológicas marcantes. Essas posições se consagram frente a posições enunciativas dotadas de significância e da reprodução e reinscrição de efeitos de sentido que, ora se inscrevem na língua formal, ora na abrangência dos contextos de fala em que a língua coloquial se faz presente, dispensando-se normas efetivas da língua escrita.

Sabedores que somos de que os linguistas, enquanto comunidade científica, buscam desenvolver estudos que visem a produção de novos resultados e com potencial relevância para os contextos socioculturais e linguísticos, ensaiamos que aprender a conhecer é, sobremaneira, o ensejo que nos move a meios de como estudar os processos de variação e mudança linguísticas para descrever e explicar o uso linguístico do verbo *achar*. Tal uso é passível de variação, tanto de significado, quanto de contexto para contexto, em que as variantes vão sendo socialmente significativas e significadas pelos falantes da Língua Portuguesa falada no Brasil.

O objeto de estudo desta pesquisa advém de observações feitas em diversos suportes digitais na busca por contextos em que houvessem empregos distintos de quaisquer outros verbos e demais categorias gramaticais da Língua Portuguesa. Contudo, o que mais nos chamou à atenção, foram os empregos do verbo *achar*, na rede social *Twitter*³. Não nos ocupamos, com efeito, por

3 O *Twitter* é uma rede social que permite, aos seus usuários pré-cadastrados, enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos os quais pertencem ao rol de seguidores de cada perfil, tanto por meio do website do serviço, quanto por Short Message Service (SMS) e, também, por softwares específicos de gerenciamento. Disponível em: <https://twitter.com/login?lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2022.



monitoramentos em que se pautassem a perspectivas puristas da língua, pelo contrário, buscamos entender os empregos independentemente de quaisquer hierarquias advindas do contexto do falante.

O informante/usuário da rede social – assumido neste trabalho enquanto sujeito de pesquisa sociolinguística –, falará diferentemente a depender do assunto ao qual seja abordado nos contextos enunciativos, o que se valida com os fatores que são extralinguísticos propostos por Tarallo (1985), pretexto/co-texto: sexo/gênero; faixa etária, nível de escolaridade e região de residência.

Os processos que permeiam a variação sociodemográfica⁴ trazem algumas ‘consequências’, no que se refere ao uso/domínio da língua. Consequências das quais podemos perceber nos fenômenos linguísticos estudados no âmbito da Teoria Sociolinguística e que são capazes de produzir efeitos de/sobre constituição sujeitos-línguas-contextos com os diferentes suportes digitais/linguísticos.

Na sequência, apresentamos alguns constructos acerca da sociolinguística e a sua relação com o enunciado produzido pelos indivíduos socialmente constituídos, discutindo acerca das relações do objeto de estudo em questão em articulação com o pensamento decolonial, no sentido de provocar outros desdobramentos que vão além de um olhar setorial, sobretudo, um olhar panorâmico.

Apresentamos os aspectos metodológicos que fundamentam a presente pesquisa, além de colocar em funcionamento as análises que se inscrevem nos materiais *in voga*. Ao final do trabalho, apresentamos as considerações finais que engendram uma das diversas outras possibilidades de olhar para o *corpus* analítico e perceber a movência de sentidos significando as práticas discursivas do homem frente à linguagem.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 CIÊNCIA LINGUÍSTICA E (SÓCIO) LINGUÍSTICA: A NÃO-RECUSA DOS ENUNCIADOS

Nas compreensões da Linguística - a Ciência da Linguagem- ao conceber a linguagem como atividade social, a qual é resultante da ação coletiva do homem, tem-se o funcionamento da língua em constante efeito nas sociedades, tomando o que postulam os estudos saussurianos que constitui essa ciência a partir do caráter social da linguagem (SAUSSURE, 1996). Reiteramos que a análise linguística em ciências em seu formalismo científico, não se dava por compreender a austeridade diferentemente de engendrar ciência e estudos científicos.

A Linguística, para Fiorin (2013) constitui-se enquanto ciência: “[...] porque ela, ao contrário da gramática, não se pretende normativa (não tem por finalidade prescrever como se deve dizer), mas se quer descritiva e explicativa (tem por objetivo dizer o que a língua é e por que é assim)” (FIORIN, 2013, p. 56). Desse modo, do mesmo modo como: “[...] um químico não diz que uma reação

4 Entendemos por variações sociodemográficas, todos os processos que se inscrevem na ordem do social, dos quais: cultural, étnico, religioso, posição-sujeito e, sobretudo, posição política, atrelados às questões demográficas que constituem os ambientes digitais, com efeito, na questão das estatísticas populacionais dos usuários das redes sociais. Essas relações fazem com que os sujeitos digitais se constituam enquanto tais e, ao mesmo tempo, produzam algum efeito de/sobre a língua que o mesmo aciona para se relacionar com outros sujeitos dessa mesma língua. Assim, enxergamos, nesse contexto, a oportunidade de mergulhar nas profundidades dessas relações proficuamente dotadas de significância no campo do saber sociolinguístico moderno.



é certa ou errada, um biólogo não declara que determinada espécie não deveria existir ou que ela é feia” (FIORIN, 2013, p. 56).

Nessa relação, entende-se que são objetos teóricos de estudo da Linguística: língua, competência e variação linguística. Tomaremos, pois, como constructo teórico e posturas metodológicas à análise, o que Fiorin (2013) nos ensina afirmando que: “[...] a linguística não condena certas maneiras de falar, não as declara inexistentes, não prescreve como se deve falar, mas procura descrever e explicar as construções e as formas linguísticas” (FIORIN, 2013, p. 37).

Chomsky (1965) apresenta-nos uma compreensão sob a ótica biológica em que a linguagem é uma faculdade inerente da espécie humana, ou seja, a linguagem é constitutiva do ser. A língua é um conhecimento abstrato ao qual não se adquire rápida e independentemente do grau de estímulo, sendo que o conhecimento da língua está localizado na mente. A construção das sentenças na língua, exemplificando, dar-se-ia em grau isolado de quando – ou quantas vezes – se ouviu nas fases iniciais da vida humana/social.

A partir dessa afirmação, tem-se a compreensão de que uma ou várias comunidades de fala ou comunidades linguísticas não são e nem estão perto de serem homogêneas, pois elas têm compatibilidades ideais entre seus falantes, ouvintes e demais línguas, assim como suas relações não são estáticas, tampouco invariáveis perante os usos e aos contextos que nela fluem.

Sobre as comunidades linguísticas e/ou comunidades de fala, Gumperz (1996) ressalta que o início da sociolinguística moderna foi marcado pelo reconhecimento de que a correlação entre aspectos linguísticos e forças sociais e políticas deve considerar a comunidade de fala, a qual é tida enquanto: “[...] o ponto inicial da análise, ao invés do foco em línguas ou dialetos” (GUMPERZ, 1996, p. 362). Nesse movimento, à teoria sociolinguística, a comunidade de fala, e não o indivíduo e/ou a língua, são a unidade de estudo em questão.

Já Figueroa (1994), a partir de estudos de Dell Hymes (1972), por exemplo, define comunidade de fala enquanto: “[...] uma comunidade que compartilha regras para a conduta e interpretação da fala, e regras para a interpretação de, pelo menos, uma variedade linguística. Ambas as condições são necessárias” (FIGUEROA, 1994, p. 57).

Seguidamente aos estudos chomskianos, nos idos de 1960 a 1980, Labov (2008) apresenta uma visão social para os estudos da linguagem, o que ele denomina de ferramentas linguísticas: palavras e enunciados, as quais são empregadas enquanto uma função geral da comunicação, a de: “[...] isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico” (LABOV, 2008, p. 19).

Nessa ótica, as funções são socialmente definidas, ou seja, passar-se-ia a ter uma relação entre falante e ouvinte com competências linguísticas distintas, comunidade de falantes heterogênea e, também, a língua em uso com as suas variações. Com isso, a língua é variável, é de sua natureza. Nessa relação, emergem as buscas por explicações para o uso das ferramentas linguísticas as quais podem ser verificadas nos diferentes níveis, seja fonológico, morfológico ou semântico.

A Linguística que tem como cunho o estudo da língua e da linguagem tem-se, então, a visão social. Cientistas que entendem a língua do ponto de vista social, entendem que a língua falada se apresenta enquanto heterogênea. Se a língua se constitui pela ótica da heterogeneidade, há hipóteses de haver a variação.



Desse modo, nosso estudo leva em consideração as variações acerca do verbo *achar*, com o seguinte pressuposto: de duas ou mais formas de “*dizer a mesma coisa*” e qual é o significado social dessa variação linguística empregada em diferentes contextos e significações. Na constituição da Teoria Sociolinguística, o objeto de estudo precisa ater-se à fala real (aquilo que as pessoas “de fato” dizem, enunciam, fazem significar), em seu contexto. Por isso, é que escolhemos os dizeres que foram postados na rede social *Twitter*, uma vez que o contexto das redes sociais pode ser considerado um lugar em que a língua também acontece, pois há um contexto e os sentidos se ressignificam na relação com a língua, os sujeitos e a história.

Nessa conjuntura, a língua se localiza no seu uso por uma dada comunidade de falantes, distanciando-se dos estudos anteriores em que ela se localizava na mente de seu falante e/ou nas gramáticas normativas. As comunidades de falantes ofertam aos pesquisadores, sobretudo aos cientistas da linguagem, as diferentes ocorrências na/da língua, aos dados que os enunciados dos falantes oferecem.

Disso parte-se a importância da definição dos critérios à coleta de dados dos sujeitos falantes, no contexto digital/eletrônico, do objeto de pesquisa deste trabalho de cunho sociolinguístico, corroborando com Fiorin (2013), o qual entende que, assim como: “[...] um botânico não pode excluir, em suas descrições, por critérios estéticos, uma planta, um linguista não pode recusar um determinado uso” (FIORIN, 2013, p. 58).

Desse modo, a premissa antes hipotética, a de que é possível indicar as vertentes de uso do verbo *achar* que se assente para além do sentido dicionarizado confirma-se, já que os critérios são os de não recusa ao uso. O assente de *como* e *porque* estudar a variação linguística nos diferentes usos do verbo *achar*, tomando-se a Sociolinguística como aporte e objetivando em descrever e explicar as ocorrências das formas de explorar o pressuposto de que as diferenças são linguísticas e socialmente relevantes, é remontado em Labov (1978) quando acerca das formas de *dizer a mesma coisa* e quando da situação de dois enunciados.

2.2 ACHAR QUE SE DIZ A MESMA COISA

Com a finalidade de estudar as variações linguísticas, diferentes estruturas e evolução no contexto social de determinada comunidade de fala, a Teoria da Variação proposta por Labov (2008) trata das variações sistemáticas da língua falada, em que o: “[...] conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 1994, p. 08), ou seja, são as diversas maneiras de se *dizer a mesma coisa* em um único contexto e com valor igual, tal como ocorre nos contextos em que o uso do verbo *achar* se faz presente, preenchendo a atividade fim dos estudos das variações linguísticas no que tangem à estrutura e à evolução.

No estudo em epígrafe, a enunciação do verbo *achar* apresenta variações linguísticas distintas de acordo com o seu uso, possuindo significados diferentes de enunciado para enunciado, distanciando-se do uso pré-estabelecido (dicionarizado), no contexto da Língua Portuguesa à linguagem formal, também chamada de linguagem padronizada.

Deparamo-nos com alguns usos do verbo *achar* na rede social *Twitter* considerados gramaticalmente inadequados, de acordo com as regras prescritas pela norma padrão/culta da Língua Portuguesa. De caráter da variável linguística, independentemente, o verbo *achar* no uso acima descrito (*Twitter*), permite a análise do emprego sociolinguístico por influência dos fatores linguísticos, extralinguísticos e socioculturais.



2 3 SOBRE A DECOLONIALIDADE

A linguagem se faz e faz o mundo.
(FELÍCIO CHAVEIRO, 2019, p. 334).

Rosevics (2017), Reis e Andrade (2018) asseveram que o pensamento decolonial⁵: “[...] objetiva problematizar a manutenção das condições colonizadas da epistemologia, buscando a emancipação absoluta de todos os tipos de opressão e dominação” (REIS; ANDRADE, 2018, p. 03).

Sobre o processo de enunciação podemos valer do que assevera o autor:

[...] ao articular interdisciplinarmente cultura, política e economia de maneira a construir um campo totalmente inovador de pensamento que privilegie os elementos epistêmicos locais em detrimento dos legados impostos pela situação colonial. Ou seja, é preciso descolonizar não apenas os estudos subalternos como também os pós-coloniais (REIS; ANDRADE, 2018, p. 03).

Antes posto, refutar um campo da ciência seria um meio de conferir cientificidade a outras que se inovam como método de acatar a noção científica de um ou de outro modo de praticá-la, não nos atemos a tal assertiva. É pretensão, neste trabalho, trazer à tona a modernidade proposta pela decolonialidade de pertença da modernidade de estudos em Linguística *na* e *para* a análise em Sociolinguística desnudar os enunciados da rede social *Twitter*.

Desse modo, tomaremos da terminologia proposta pelos estudos discursivos decolonial(is) para as análises propostas neste trabalho em Sociolinguística.

A terminologia decolonial oferece-nos subterfúgios para os avanços nos estudos da língua em seu seio social: a Sociolinguística. Com isso, a atividade social, enquanto um constructo teórico à aceção da descolonialidade como ferramenta de análise de enunciados. Eis a ponto de intersecção das nuances em Linguística. A partir disso, trataremos em análise, os efeitos da enunciação que nos permite a sociolinguística.

A possibilidade de aproximação das referidas redes conceituais será explorada nas análises desta pesquisa, remontando a enunciação/enunciados; locutor/alocutários na rede de significação decolonial, para isso tomaremos a língua em uso em seu caráter social. Ousamos mencionar que o progresso científico e da humanidade são intrínsecos: é infimamente o desejo de romper a estrutura tradicional dos métodos de análise científica.

Seria como olhar para a ciências contribuintes às análises sem o pré-conceito estabelecido e postulado na Sociolinguística como pré-conceito linguístico. Não estando aqui para esta ou àquela ciência de natureza social da linguagem, nem tampouco à ruptura e/ou supremacia de uma ou outra, mas usufruindo do que julgamos ser necessário às análises, despreocupadamente como a dissociação teórica, mas aludindo ao ponto de intersecção: a língua posta em uso e socialmente constituída.

Não se trata de paradigma purista e irrefutável proposto pelas subáreas das ciências linguísticas, contrário a isso, visitamos a sociolinguística e a decolonialidade para o reforço em

⁵ A palavra “decolonial”, é utilizada no lugar de “descolonial”, em virtude da indicação de Walter Mignolo (2017): “[...] para diferenciar os propósitos do Grupo Modernidade/Colonialidade e da luta por descolonização do pós-Guerra Fria, bem como dos estudos pós-coloniais asiáticos” (ROSEVICS, 2017, p. 191).



análise e não como uma inconsistência teórica. É, pois, desapegando-se da estrutura e assertivamente contribuinte ao: “[...] uso cotidiano da língua na comunidade” (LABOV, 2008, p. 298), que estamos revisitando e propondo a visão das proposições em enunciados sociolinguisticamente constituídos na rede que é social (*Twitter*).

Em análise, o verbo *achar* e seus diferentes empregos na rede social *Twitter*, constitui-se em significados ao ser usado pulverizando a rede de sentidos que pode ser lhe atribuída, conforme postula Chaveiro (2019), sustentando que: “[...] a linguagem é o ser humano em seu devir, em suas lutas no campo da política, do trabalho, dos afetos.

Ao dizer o sujeito chega ao Outro e, em chegando, se constitui; essa constituição nunca é total, nunca será completa e jamais será neutra” (CHAVEIRO, 2019, p. 334). Com a máxima do autor apoiamos-nos para o entendimento de que o uso do verbo *achar* em sua rede de sentidos em aplicação na rede social *Twitter*, trará à tona nas figuras em análises a expressão do Outro (enunciador) para a sustentação daquilo que se deseja falar.

Compreende-se, pois que o pensamento decolonial é o entendimento das ocorrências de enunciados do verbo *achar* com perspectiva não colonial, contra a colônia na Linguística. Assim, tomaremos a noção de língua e de linguagem como fundamentais no processo de análise das variações linguísticas. A leitura, a escrita e o pensamento, são sustentados pelo devir da linguagem; pela linguagem em devir.

Nas ocorrências em que há o uso do verbo *achar*, em proposição de Chaveiro (2019), aquele que lê, lê o que alguém escreveu; o que escreveu o fez porque antes leu, entendeu e compreendeu. Os usuários do *Twitter*, ao empregar diferentes usos para o verbo *achar*, escreverão sobre o objeto de objetos do mundo constituindo-o *na* e *pela* linguagem.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa não tem a pretensão de identificar quais grupos e/ou fatores são responsáveis pela ocorrência do verbo *achar*, mas sim, em demonstrar que a língua é um fenômeno social e que a ocorrência de uso, embora remeta-nos inicialmente à liberdade do uso, existe o condicionamento da estrutura da língua imposta aos seus usuários.

Não é nosso desejo, ainda, apontar impressões e avaliações acerca dos usos linguísticos, no que tange à noção de erro/acerto na/da língua, conforme nos propõe Soares (2000), a respeito do preconceito linguístico.

Pautamo-nos por empreender uma pesquisa de investigação qualitativa. Sobre esse método, Triviños (1987) nos chama à atenção para a questão dos significados, pois eles: “[...] se manifestam através das produções verbais das pessoas envolvidas em determinadas situações e que comandam as ações que se realizam” (TRIVIÑOS, 1987, p. 127). Por isso pensamos ser pertinente que nos atentemos a essa especificidade que pode ser encontrada em investigação que se valha pela ótica qualitativa.

Para Bogdan e Biklen (1994), por exemplo, a pesquisa qualitativa exige: “[...] que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49). Desse modo, o olhar dos autores às questões metodológicas de



uma pesquisa nos fornecem esclarecimentos à realização dos procedimentos da nossa proposta de pesquisa.

Nesse movimento, essas perspectivas metodológicas nos auxiliam, uma vez que elas exigem delineamentos diferenciados, no sentido de buscar estabelecer uma relação, um vínculo com o objeto em questão, assim como, em relação aos dados, estes podem ser obtidos em um contato mais estreitado com a fonte de pesquisa. Os mesmos autores apontam, ainda, que uma: “[...] investigação qualitativa é descritiva [...] os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

Outro posicionamento concernente a essa afirmação, é o da pesquisadora Schmidt (2015), sobre a relação existente entre a Sociolinguística e as estigmatizações, afirmando que a teoria Sociolinguística moderna:

[...] vem se desenvolvendo no intuito de compreender a diversidade, entendida como desordenada pelos estruturalistas, os quais defendem a necessidade da estrutura e da normatização para funcionamento eficiente da língua, carregando consigo uma concepção marcada pela exclusão de falares que não se adéquam a essa norma, bem como ressaltando a estigmatização da variação (SCHMIDT, 2015, p. 361).

Ainda sobre esse processo de estigmatização, a reiteração da gama de possibilidades e efeitos existentes nas variantes de uso na/da Língua Portuguesa falada no Brasil, no que se refere ao verbo *achar*, na constituição do binômio praticável e impraticável, etimologicamente que não se pratica, que não está em uso, leva-se, em conta, para um dado momento de pesquisa e para um determinado grupo de falantes, os falantes que mobilizam a linguagem no contexto digital/eletrônico.

Quiçá sirva, este nosso levantamento, para estudos outros em outras condições sócio-históricas em que o impraticável se torna o *real* no contributo dos papéis da sociolinguística em descrever, explicar e apresentar diferentes *significados sociais* nas ocorrências de usos da língua.

Para além de uma justificativa metodológica e de objeto de pesquisa com os sujeitos enunciativos do contexto digital/eletrônico, denominado aqui, de sujeito de pesquisa sociolinguística, precede-se que a curiosidade científica não necessita, primordialmente, ser justificada, uma vez que ela busca, sobretudo, a promoção e a divulgação do conhecimento científico do/sobre o homem e de/sobre a linguagem das diferentes sociedades pelo mundo e, neste caso, os da sociedade brasileira.

Metodologicamente, a Teoria Sociolinguística mostra interesse pelas variações que são possíveis de ser explicadas na maneira alternativa de *dizer a mesma coisa*, ansiando que essa maneira seja portadora do mesmo significado referencial (LABOV, 2008, p. 78).

4 DISCUSSÃO DOS DADOS: ANÁLISE DO MATERIAL EM CONTEXTOS DIGITAIS

Tomando como sentido primeiro, o sentido dicionarizado/bruto do verbo *achar*, encontramos, conforme demonstra a tabela abaixo (Tabela 1), por ter procurado – ou por acaso –, deparados, talvez, com o ‘topar’, antonímia de acreditar e sinonímia de perder, os seguintes:

Tabela 1: Verbo, antonímia e sinonímia do verbo ‘achar’



VERBO	ANTONÍMIA	SINONÍMIA
<i>Achar</i>	<i>Desacreditar</i>	<i>Perder</i>

Fonte: (Autora, 2023)⁶

O verbo *achar*, em determinadas ocasiões, no que tange à semântica verbal, apresenta-se enquanto um tipo de verbo cujo o significado implica em uma noção com conhecimento, emparelhando-se à crença.

Quando referir-se à sinonímia da mesma, filia-se a: opiniões, ideias, concepções, posições, teses, pontos de vista, livre arbítrios, teorias, conceitos, perspectivas, posturas, entendimentos, etc.

Desse modo, de posse deste primeiro significado, o dicionarizado, referente ao verbo *achar*, sinonímia de encontrar, localizamos as expressões posteriormente demonstradas nas Figuras de (1) a (4), localizadas na rede social *Twitter* de maneira aleatória, a partir de uma simples pesquisa em “*achar*”: que um achado oferece em confirmação.

Figura 1: Material de análise (*Tweet 1*)



Fonte: (TWITTER, 2022)⁷

A partir do exposto, sendo a noção de conhecimento do verbo *achar*, emparelhada à crença de uma dada proposição, por exemplo, “*Acho melhor a gnt ir com calma*”, o falante/enunciador, nesse contexto, acredita na iminente necessidade da “calma”. O fato é que, com o emprego do verbo *achar*, o falante/enunciador, não estabelece, de fato, a necessidade legítima do enunciado. O falante/enunciador, contudo, não traz à tona discursiva a certeza de que aquilo que ele está solicitando é verdadeiramente um fato. Pode-se levar em questão, por exemplo, a premissa de que esse conhecimento não está ao alcance do falante/ enunciador. De outro modo, podemos considerar que, no enunciado: “*Acho melhor a gnt ir com calma*”, há uma solicitação, crivada em constructos de crença, no conhecimento de que as tomadas de atitudes devem ser ponderadamente pensadas e, bem posteriormente, consumadas.

No entanto, para a dúvida sobre uma realidade, além do conhecimento do falante, o que o leva em não expressar a solicitação absoluta do fato em questão. Se a certeza o tivesse, uma

6 Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1. Acesso em: 21 ago. 2022.

7 Disponível em: <https://twitter.com/home>. Acesso em: 22 ago. 2022.



possibilidade de texto seria, em um movimento parafrástico, conforme nos orienta (ORLANDI, 2020): “Devemos ir com calma!”.

Nesse campo de sentidos do enunciado e as relações entre os enunciadores, das relações afetivas, e concernentemente ao que postula Chaveiro (2019), o dizer é um campo para que se estabeleça relações com o *Outro* e, esse *Outro*, a quem se dirige é, em um só tempo, espelho e condição de toda a fala. Das relações de devir validadas com o que sustenta Orlandi (2018), quando assevera que não há opacidade na linguagem; o dizer diz o ser humano que fala.

Desse modo, atribuímos, quando o homem fala: fala-se! Ainda para o verbo *achar*, empregado em: “Acho melhor a gnt ir com calma”, este não designa, aos leitores, grau maior e/ou menor de certeza por parte de quem enuncia, podendo ter o falante, mais ou menos, a certeza do que se solicita no enunciado em questão. Aqui, então, encerra-se a tentativa de esclarecer o terreno da subjetividade do falante, aqui denominado sujeito da pesquisa – objeto de análise.

Ademais, pensamos que, a respeito desse acontecimento discursivo (ORLANDI, 2013), no campo digital/eletrônico, temos que os enunciadores mobilizam, do ponto de vista digital/eletrônico, os sentidos os quais compõem os memes, por exemplo, de tal modo que essa variação foi posta, à formulação, juntamente com um conteúdo memeificado.

Dessa maneira, os espaços de reconstrução de sentidos tais como o *Twitter*: “[...] colocam a palavra escrita numa profunda circularidade. A escrita entra direta e recorrentemente na sociabilidade humana, em namoros... na organização da memória, da percepção, da cognição” (CHAVEIRO, 2019, p. 335).

Nesse sentido, do que se vale à ordem do discurso digital/eletrônico, este pode ser compreendido enquanto uma memória que está na: “[...] materialidade do gesto de interpretação que se atualiza nas condições que se apresentarem” (ORLANDI, 2013, p. 06). Por isso, Orlandi (2013) concebe que existe uma memória que constitui esse espaço nos mais existem diferentes aspectos histórico-político-ideológicos.

Na sequência, na Figura (2), elucidamos o segundo material de análise, encontrado no *Twitter*, dispondo, também, do emprego do verbo *achar*, em primeira pessoa do singular, o *Eu*, enunciator/locutor (GUIMARÃES, 1995), para um outrem, o alocutário.

Figura 2: Material de análise (Tweet II)



Fonte: (TWITTER, 2022)⁸

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/home>. Acesso em: 21 ago. 2022.



Entre pensar e *achar*: nessa gama semântica, o enunciado acima constrói-se. No enunciado “*se eu não parir na próxima semana, acho que espirro e eles saem pelo umbigo mesmo*”, o emprego da forma linguística, em primeira pessoa do singular, *acho*, apresenta-se para o falante/enunciador o qual pensa na probabilidade, expondo em ironia, mesmo ciente da impossibilidade do acontecimento sendo não real.

Com isso, há o entendimento de que o uso do verbo *pensar*, pode não ter sido empregado, em virtude de o falante/enunciador não possuir provas – ou mesmo convicção – de tal fato. Para tal condição, o uso do verbo *achar* na forma *acho*, veio bem a calhar. Afinal, sobre parir pelo umbigo é melhor não *achar*, encontrar tal fato inusitado. Nesse sentido, a antonímia contribui para a não concretude do fato em tese, no jogo de sentido e semântico de que a Língua Portuguesa nos permite fazer.

No campo decolonial, o pressuposto uso do verbo *achar* no enunciado, levando em consideração o que nos ensina Chaveiro (2019) em que diz ser o uso da linguagem do enunciado: “[...] o possível do ser humano” (CHAVEIRO, 2019, p. 335) e que essa possibilidade – incorrigível, implacável e aberta – é essencialmente política, sendo que os iguais podem se juntar; podem se rebelar e, por isso, gritar por liberdade. Gritar (*se eu não parir na próxima semana, acho que espirro e eles saem pelo umbigo mesmo*), é uma metáfora, o que se quer é atitude: palavras de amor, ações. As ações pleiteadas por Chaveiro (2019) alinhavam-se com a ação posta pela enunciativa quando o grito é de *achar* que se concebe o filho pelo espirro.

Na sequência, na Figura (3), elucidamos o terceiro material de análise, encontrado na rede social *Twitter*, dispondo, também, do emprego do verbo *achar*, em primeira pessoa do singular, o *Eu*.

Figura 3: Material de análise (Tweet III)



Fonte: (TWITTER, 2022)⁹

Novamente, observa-se o batimento de significância entre *pensar* e *achar*. O presente enunciado, explicita o que a enunciativa pensa com o emprego de *acho*, conjugado em primeira pessoa do singular. Contrastando ao que “*penso sobre o twitter*” e o emprego do *acho*, já que a certeza fica na relação falante/ouvinte; enunciador/enunciatário. Distante disso encontra-se, contudo, do sentido primeiro do verbo *achar*, está: “[...] encontrar por ter procurado ou por acaso; deparar com; topar [...]” (HOUAISS, s/d). Sobre o *Twitter*, o enunciador que “*acha*”, na sentença:

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/home>. Acesso em: 21 ago. 2022.



“*acho que o twitter*”, não descontinua a leitura e, nesse acontecimento afetado pela linguagem, aproveita do acontecimento enunciativo para depreender sentidos das ações de outros, levando-se por abalar em sua própria ação no/do acontecimento da linguagem.

Alusivamente, Orlandi (2018) posiciona que:

Saber ler-e-escrever é uma injunção, uma obrigação, em nossa sociedade letrada ocidental, cristã. Mas pode-se olhar por outro lado e vemos, então, que é também uma necessidade para o sujeito: é o jeito que ele tem de significar o mundo, se significando nele. E saber “dar” sentido ao que ouve, ao que lê, ao que vê (ORLANDI, 2018, p. 223).

A enunciadora acima está para o mundo, assim como o *Twitter* está para ela, e, no entendimento da mesma, é o seu o pensamento em *achar*, é a inscrição espaço temporal que se faz pela leitura e pela escrita. Na sequência, na Figura (4), trazemos o quarto material de análise, encontrado no *Twitter*, dispo do emprego do verbo *achar*, juntamente com a partícula “*se*”, em terceira pessoa do singular, o *Ele*.

Figura 4: Material de análise (*Tweet IV*)



Fonte: (TWITTER, 2022)¹⁰

Contrastando opiniões, crenças e conhecimentos, no campo semântico, a variante do verbo *achar* resiste à flexão, apresentando-se enquanto reflexivo seguido do pronome oblíquo “*se*”. O verbo *achar*, em sua forma reflexiva, com “*se*”, pronome reflexo em “*acha-se*”, nessa construção de muita particularidade “*acha*”, perde a classificação de verbo e continua com a propositura de uso do enunciador ao dizer que alguém, remetido a si, reflexivo, *acha*, *acha-se*.

Nesse íterim, o conhecimento e a crença, torna-se ao enunciador para que, acima de si, coexista o conhecimento maior que então reitere “*acha-se*”, partindo do princípio de que a linguagem é a capacidade dos seres humanos em produzir, desenvolver e compreender a língua e que possui: “[...] a essência da linguagem está no diálogo, no ‘falar-um-com-o-outro’, isto é, está intimamente vinculada àquilo que os interlocutores têm em comum” (COSERIU, 1979, p. 29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um anseio por demonstrar a inquietação vivida pela linguagem que existe *no* e *pelo* homem, problematizamos, nesta pesquisa, os enunciados que abarcam a ocorrência do verbo *achar*

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/home>. Acesso em: 20 ago. 2022.



que, para além do sentido dicionarizado, nos traz sentidos outros que convém os desdobramentos que se fundam no campo da grande área da Linguística.

Ao mesmo tempo, constitui-se no campo de rede de sentidos socialmente denominados, com subárea na Sociolinguística, mas que não cessa por aí, mas deitasse no devir da linguagem e problematiza-se nos constructos da decolonialidade. Sendo a constituição do objeto em análise o verbo *achar* que é, também, um achado da rede social *Twitter*, o qual não poderia deixar de ser mencionado no devir do meu 'eu' acadêmico que busca meios de *achar* posicionamentos às hipóteses de estudos científicos.

De variante e variações, constituímos as palavras no mundo, que se fazem *no* e *pelo* homem. Instigante é a problematização que incita ao devir desta pesquisa, devir este que não nos remete por abrir a panela de pressão do tempo e do uso do verbo *achar* significando *na* e *por meio* da história do homem. Em tempo de criação e repetição contínua de palavras, tais como o fascismo, epidêmico, política, rigor, revolucionário e mundial, *achamo-nos* na pressa de estabelecer a rede de efeitos de sentido que este e/ou aquele enunciador propõe.

Constatamos na decolonialidade que é preciso o sentido coletivo, conforme propõe Chaveiro (2019), que exista o encontro de gerações por meio da palavra escrita e, sobretudo, da leitura. Nesse ínterim, a tentativa de construção de redes de sentidos entre enunciado/enunciador e/ou alocutário.

Na busca por emitir analítica e objetivamente as vertentes da rede de sentidos e variações linguísticas que permeiam as ocorrências do verbo *achar*, traçamos um paralelo que se lança mão da sociolinguística, mas que entremeado à rede social *Twitter* e a tantas ocorrências que escapam à formalidade da Língua Portuguesa, fazemos um percurso pelas Ciências Sociais.

Nesse sentido, verte-nos à condição que aqui chegamos: não basta apenas um ramo da ciência às possíveis alusões e aplicabilidade deste e/ou daquele verbo no funcionamento de uma língua, contudo, certificamo-nos de que a pesquisa carece de: “[...] esforço durável de observações, reflexões, análises e sínteses para descobrir as forças e as possibilidades da natureza e da vida, e transformá-las em proveito da humanidade” (CHIZZOTTI, 2005, p. 19).

Chizzotti (2005) pondera, pois, que esse esforço: [...] não é fruto de uma inteligência isolada em um tempo abstrato, mas é um produto histórico e social porque resulta de um esforço coletivo e permanente da humanidade, no curso do tempo, para construir todas as dimensões da vida” (CHIZZOTTI, 2005, p. 19). Desse modo, a pesquisa demanda responsabilidade e uma busca contínua à sua não vulnerabilidade e que vise em construir conhecimentos que desembarace no seio da interlocução acadêmica e que, sobretudo, sirva para propiciar algo a mais na qualidade de vida e que o pesquisador não trate a ciência com escárnio, desprezo, maldizer de “*Eu acho é pouco!*”.

Em nossa citação, o uso do verbo *achar*, em rede semântica e pragmática, apresenta variação linguística que trate a avaliação pouco/muito em relação à situação menos/menor do que era esperado à ocorrência. A linguagem é fonte límpida de onde sorve a sociolinguística variacionista que permite, aos cientistas que se aventuram pelos estudos acerca da linguagem, acesso à fonte por todas e quantas vezes solicitar e/ou que julgar adequadamente cabível, o que designa o inesgotável campo de pesquisa, permitindo-nos, por aqui, encerrar e, registrando: “*Eu acho é pouco!*”.



REFERÊNCIAS

- ACHAR. In: **Dicio**, Dicionário Online de Português, s/d.
- BAGNO, Marcos Araújo. Sobre peixes e linguagem. In: ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 11-12.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994.
- BORGES, Maria Célia; DALBERIO, Osvaldo. Aspectos metodológicos e filosóficos que orientam as pesquisas em educação. **Revista Ibero-americana de Educación**, v. 43, n. 5, jul., 2007. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2299>.
- CHAVEIRO, Felício Eguimar. Por que o mundo é possível: a batalha de linguagem nas sociedades mundializadas. *Revista Entreletras (Araguaína)*, v.10, n. 2, jul/dez 2019, p. 333 a 349. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/7571>
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística**. Rio de Janeiro: Presença/Edusp, 1979.
- FIGUEROA, Ester. **Sociolinguistic metatheory**. Pergamon, 1994.
- FIORIN, José Luiz. (org.). **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.
- GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Pontes, 1995.
- GUMPERZ, J. John. **Introduction to part IV**. In: GUMPERZ, J. John; LEVINSON, C. Stephen (eds.), 1996. p. 359-73.
- HOUAISS, Dicionário. In: **HOUAISS.UOL**, s/d. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1. Acesso em: 30 jan. 2023.
- LABOV, Willian. O estudo da língua em seu contexto social. In: LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 215-299.
- LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v.1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645/2646>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane Pereira Costa. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital. Série e-urbano**, v. 2, 2013.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Entre letras: o mundo. In: ENTREMEIO – **Revista de Estudo do Discurso**, 2018, pág. 2019 a 227.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.
- PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. (org.). **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013, p. 11-24.
- REIS, Maurício de Moraes; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 202, ano XVII, mar., 2018. ISSN: 1519-6186. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070/21945>. Acesso em: 20 ago. 2022.



ROSEVICS, Larissa. Do pós-colonial à decolonialidade. *In*: CARVALHO, Glauber. ROSEVICS, Larissa. (orgs.). **Diálogos internacionais**: reflexões críticas do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Perse, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 19. Ed. São Paulo: Cultrix, 1996. 279 p.

SCHMIDT, Cristiane. Língua: na perspectiva da mudança e da diversidade. **Web Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 5, n. 15, mai., p. 360-363, 2015.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva Social. 17. Ed., 2. impr., São Paulo, SP: Ática, 2000. (Série Fundamentos).

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.